**MULHERES, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS À DIGNIDADE HUMANA**

Raylene Barbosa Moreira UERJ

Andréa de Andrade Lopes Valério UERJ

Resumo

Este trabalho é um recorte de um trabalho de campo realizado por um grupo de pesquisa voltado para a Educação de Jovens e Adultos de uma universidade pública do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo é conhecer histórias de vida de mulheres que foram alijadas do direito à educação em alguma fase de suas vidas. Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico/leitura dinamizada por um leitor guia e, por fim, foram realizadas entrevistas com as pessoas do Quilombo, localizado na região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. O que se pode concluir é que houve diálogo e trocas com outras pessoas em situação desfavorável, materializando assim a coexistência humanizada entre os sujeitos.

Palavras Chaves: Educação, Memórias, EJA e Narrativas.

Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa ampla, realizada pelo Grupo de Pesquisa, de uma Universidade localizada no Estado do Rio de Janeiro. Na pesquisa, em escala macro, foram realizadas 26 entrevistas. Neste trabalho, foram escolhidas duas delas para que fosse possível a construção de ideias sintetizadas. As mulheres das pesquisas nos permitirão refletir a partir da perspectiva feminista e, de forma generosa, pensar coletivamente com elas.

A pesquisa objetivou compreender os sentidos da interdição ao direito à educação em algum momento de vida suas vidas. A entrevista foi realizada no universo de 08 municípios do estado do Rio de Janeiro. Na pesquisa, os sujeitos entrevistados residem em um Quilombo, também localizado na região metropolitana.

Ressalta-se que a pesquisa se encontra em construção, na fase de produção de vídeos, artigos e agendamentos de devolutivas da pesquisa. Buscou-se identificar elementos e sentidos cujo a acesso-interdição ao direito a educação tenha produzido em suas vidas.

Com relação a metodológica, por se tratar de uma pesquisa na área da educação, esta proposta trabalhou em consonância com Minayo (1994, p. 17), que compreende a sociedade pela complexidade de relações sociais imprevisíveis, indeterminadas e em constante movimento, que entende a pesquisa como “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”.

Entre os instrumentos de produção de dados selecionados para esta proposta, a entrevista consistiu na principal ferramenta. Segundo Bogdan & Biklen (1994), a entrevista, quando aplicada e analisada de forma responsável, pode fornecer dados importantes sobre o objeto da pesquisa e, além disso, pode ser utilizada de forma conjugada com outras técnicas e instrumentos, as quais, em conjunto, podem levar a obtenção de dados mais confiáveis e, portanto, mais científicos. Em Gaskell (2002), vê-se o apontamento de que as entrevistas permitem a compreensão minuciosa das motivações, atitudes, valores e crenças das pessoas participantes da pesquisa.

Ainda, compreendemos que, a proposta de *entrevista compreensiva,* de Kaufmman (2013) destaca que as pesquisas nas Ciências Sociais, sobretudo as que partem da oralidade, da narrativa, das histórias de vida e da memória, são necessariamente vivas, escapam a fórmulas pretensamente pré-fabricadas e exigem envolvimento, sensibilidade, sutileza, delicadeza e perspicácia, caracterizando o domínio do processo de investigação por parte do pesquisador.

E, diante do questionamento “Qual o lugar das mulheres ao longo da história?”, é que neste espaço de diálogo, socializamos e construímos com as mulheres entrevistadas, para que elas ocupem o espaço e contem suas próprias histórias, neste caso, considerando a visita às suas memórias em período escolar.

Revisitando à memória: os sentidos da dignidade humana

O movimento feminista, desde sua segunda onda, vem buscando reconstruir uma memória coletiva de uma história onde nós, mulheres, façamos parte. Isto acontece, pois a história oficial foi escrita por homens e para homens. Obviamente também não foi escrita por qualquer homem, via de regra, nossa história foi escrita majoritariamente por homens brancos, europeus, livres, com algum poder financeiro e via de regra marcado pela heteronormatividade.

É importante pontuarmos que a educação formal foi, por muitos séculos, permitida apenas para homens livres. Isso porque os homens iniciaram a vida acadêmica

quase 800 anos antes das mulheres (CASTRO, 2017). Devido a esses processos, mulheres foram silenciadas e distanciadas da história formal. A política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento, ou seja, ao silenciarmos a história de um determinado grupo social, este grupo acaba por ser esquecido, afinal, como afirma a autora, o que a história não diz, não existiu.

Dessa forma, podemos compreender a memória primeiramente como um fenômeno individual, e, posteriormente como um fenômeno construído coletivamente (POLLAK, 1992). É buscando dar sentido a esta percepção, que compreendemos o apagamento da mulher do contexto histórico, e, destacamos a luta pelos seus direitos. E, neste contexto, apresentaremos as mulheres da pesquisa a seguir.

Quem é Wagna Cristina? Com 50 anos, estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Durante nossa conversa, remeteu-se à época de criança, quando acreditava haver mais parceria entre a família e a escola. Em nossa conversa, lembra que havia uma professora da 4ª Série, Wagna, que visitava às famílias. É perceptível que Wagna compreende que os tempos mudaram, mas ratifica a importância da parceria escola e família.

Wagna, após a 7ª série, começou a trabalhar. Em alguns momentos de nossas conversas, trouxe para si a culpa pelo “abandono” escolar, todavia, na entrevista, há elementos que foram crucieis para que a entrevista não concluísse a educação básica. Primeiramente, é importante considerar que em seus relatos, aponta que casou muito cedo. Depois disso, ficou desmotivada pela ausência de professores e, ainda, chama atenção para a questão da possível dificuldade de aprendizagem.

O que Wagna tem a nos dizer? Apesar de sentir culpa pelo abandono escolar, por compreender que as relações no contexto escolar mudaram, ela enfatiza a necessidade de lutar. O que ela não teve, hoje quer que seja diferente para as pessoas que virão depois dela, como os netos, por exemplo.

O autor (HONNETH, 2003) aponta que entre os sentimentos morais, a vergonha é a que tem maior abrangência, apresentando-se como uma espécie de rebaixamento do próprio valor, mas que também podem significar *dor e sofrimento* (SAWAIA, 2009). Por outro lado, essas formas de reação emocional, como a vergonha e outros tipos de experiências causadas por qualquer forma de desrespeito, podem tornar-se um impulso ou motivação para uma luta por reconhecimento.

A partir dos diálogos estabelecidos, podemos compreender que o espaço ocupado pela mulher é um espaço de luta, um movimento de contrapelo ao mal-estar produzido pela relação de constante abuso de poder e imposições culturais, que acabam refletindo historicamente nas relações de trabalho em que os afazeres domésticos são tarefas atribuídas às mulheres, e o trabalho público aos homens. A “função da mulher”, bem como seu espaço ocupado socialmente vem sendo reformulado, repensado, caminhando em movimento contrário ao que se espera das atividades denominadas domésticas.

Pautadas na ideia de gênero de Saffioti, quando diz que “[...] o gênero é também

estruturante da sociedade, do mesmo modo que a classe social e a raça/etnia.” (SAFFIOTI, 2004, p. 87), afirmamos a necessidade de um contexto educacional que nos permita pensar nessas desigualdades, uma educação na perspectiva feminista.

A segunda mulher, foi Maria Isabel, quem é? Merendeira aposentada da Secretaria Estadual de Educação, 65 anos, que deixou para nós o sentido de esperançar, na prática. Durante as conversas, lembrou-se da professora Lucília, que visitava os seus alunos e os acompanhava no trajeto para o colégio. Relata que na época que estudou não existia falta de respeito com os professores, pois todos se conheciam e se respeitavam.

Maria Isabel verbalizou que tem o sonho de ser Enfermeira. E, o que nos moveu durante as conversas foi a possibilidade de refletirmos com ela de que há pessoas que concluem os estudos e realizam os seus sonhos tardiamente e que isso é possível, sim! Terminada a entrevista, Isabel nos apresentou o entorno da sua residência, deixando-se fotografar. Fato que foi mudando ao longo de nossas conversas. O diálogo nos possibilitou a proximidade, possibilitou que Isabel também tivesse uma outra perspectiva sobre seus estudos e enfatizou ainda mais a importância de continuar esperançando, sonhando e lutando para que, em seu tempo, consiga o acesso à educação.

Temos preciosidades da história invisibilizadas, isto é, a vida das mulheres. Temos vários exemplos de diários que resistiram ao tempo e foram publicados, dando voz às inúmeras conversas silenciosas que mulheres tiveram com suas reflexões ao longo de suas vidas. Sendo assim, hoje temos alguns diários publicados, entre eles os de Carolina de Jesus (1960), Gabriela Mistral (2002), Frida Kahlo (2012), Anne Frank (2008), Sofia Tostói (2011), Aleida March (2012) e muitas outras que escreveram e ajudaram a contar a história das mulheres pelos tempos.

Para concluir...

Muito além do que nos propõe a sociedade que possui como raiz o patriarcado, caminhamos pelo movimento contrário deste apagamento. Ver que nossa história e luta apesar de silenciada na história oficial, se faz presente na memória coletiva de muitas mulheres que acreditam na importância de continuarmos lutando e escrevendo nossa própria história, nos motiva a continuar por meio da resistência. Seguimos resistindo, existindo, nos movimentando.

No enfrentamento, a estratégia foi de posicionamento e recusa da condição de silenciado, comum a sujeitos oriundos de setores menos privilegiados da sociedade, que se põem como subalternos a outros indivíduos, quando estes últimos agem de modo arbitrário e discriminador. Contudo, o enfrentamento demandou autoconfiança, potencializada pelo reconhecimento social, pois um ambiente escolar restritivo pode gerar um efeito inibidor nos estudantes, afetando principalmente àqueles com histórias pregressas de rejeição, de estranhamento e de preconceitos no convívio social.

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Plano de investigação* *– Estudos de casos*. *In*: Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994, p. 80-104.

CASTRO, Amanda Motta. FEMINISMO, VIOLÊNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE!, In: ROSA, Katemari Diogo; CAETANO, Marcio; CASTRO, Paula Almeida (Orgs). GÊNERO E SEXUALIDADE: Intersecções necessárias à produção de conhecimentos. Campina Grande: Realize Editora, 2017.

GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: uma guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAWAIA, Bader (org.). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. P. 97-118. *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9.ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.